

**15/7/1986**

**Bóias-frias continuam em greve**

por José Casado

de São Paulo

A rotina da outrora pacata cidade de Leme, a 180 quilômetros no rumo oeste de São Paulo, está interrompida pelo trauma de uma tragédia na periferia, com dois mortos, por uma greve de 5 mil bóias-frias, que continuam hoje de braços cruzados, e por um inquérito policial que 72 horas depois de iniciado não trazia muita luz sobre o conflito entre policiais e operários, com políticos envolvidos, na madrugada da última sexta-feira.

As atenções em Leme, São Paulo e Brasília, ontem, estavam concentradas sobre o rumo desse inquérito, aberto na delegacia de polícia local e que está sendo oficialmente acompanhado com interesse por órgãos e entidades tão diversos como a Polícia Federal, o Serviço Nacional de Informações, a Ordem dos Advogados do Brasil, a Comissão de Justiça da Assembléia Legislativa Paulista e a Associação Brasileira de Imprensa.

Mas, até ontem à noite, tanto o inquérito quanto as sindicâncias paralelas, oficiais ou não, contabilizavam mais versões e equívocos do que fatos reais e provados sobre o confronto entre uma tropa de choque da Polícia Militar e cerca de cem bóias-frias grevistas, numa estrada da periferia de Leme, que resultou em dois mortos a bala: a empregada doméstica Sibely Aparecida Manoel, 17 anos e o cortador de cana Orlando Correia, 23 anos.

A Secretaria de Segurança Pública de São Paulo e a Polícia Federal mantêm uma versão dos fatos: o primeiro tiro que deu origem ao conflito partiu de um carro oficial, Opala azul, com a chapa MI 9964, que teria cortado o ônibus com 43 bóias-frias e escolta da PM, diante de um "piquete" de grevistas, na estrada entre Leme e a Usina Crisciumal, por volta das 6h30 de sexta-feira. O veículo é da Assembléia Legislativa e estava à disposição da liderança do Partido dos Trabalhadores (PT), com deputados a bordo.

Para sustentar essa versão, que envolve diretamente os políticos do PT detidos em meio ao conflito de sexta-feira (Anísio Batista, José Genoíno, Djalma Bom e o candidato a vice-governador Paulo Azevedo), a polícia conta principalmente com o depoimento de três testemunhas — coincidentemente, motoristas, empregados da usina Crisciumal, que viajavam no ônibus naquela madrugada. No final da semana, os três foram procurados por uma comissão do PT e, diante de jornalistas, se dispuseram a modificar os depoimentos, anotados na delegacia e registrados no boletim de ocorrência — peça básica do inquérito.

Ontem, o secretário de Segurança, Eduardo Muiyler, resolveu que a polícia deve ouvir de novo as testemunhas do tiro (ou tiros) que partiu do Opala oficial. O ministro da Justiça, Paulo Brossard,

(Continua na página 7)

**(Primeira página)**